

## DE NORTE A SUL, AS ÁREAS DIALETAIS DO BRASIL: JOGANDO “BOLINHA DE GUDE”

FROM NORTH TO SOUTH, THE DIALECTAL AREAS OF BRAZIL:  
PLAYING “MARBLES”

Leandro Almeida dos Santos | [Lattes](#) | [leoufbalettras@yahoo.com.br](mailto:leoufbalettras@yahoo.com.br)  
Universidade Federal da Bahia | Universidade do Estado da Bahia

Silvana Soares Costa Ribeiro | [Lattes](#) | [silvanaribeiro25@gmail.com](mailto:silvanaribeiro25@gmail.com)  
Universidade Federal da Bahia

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo sobre as áreas dialetais do Brasil, realizado por meio de dados semântico-lexicais, que tomam a proposição de divisão dialetal do Brasil estabelecida por Antenor Nascentes (1953) por referência. Desse modo, há uma investigação das respostas dos informantes do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB*, para a questão 156 do *Questionário Semântico-Lexical – QSL*, que busca apurar as formas de nomear o brinquedo assim descrito na questão: “*Como se chamam as coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar?*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34). A metodologia utilizada consistiu na realização das seguintes etapas: a) seleção e leitura dos textos relacionados ao tema, Nascentes (1953; 1955), Teles (2018), entre outros; b) formação do *corpus*; c) comparação analítica dos itens documentados no *corpus*, objetivando identificar semelhanças e diferenças, a partir do cotejo estabelecido entre as pesquisas de Ribeiro (2012), Portilho (2013), Isquerdo; Romano (2014), Romano (2015), D’Anunciação (2016), Santos (2016), Alencar (2018) e, por fim, Santos (2018), os quais tiveram foco na descrição das respostas para QSL 156 (gude); e d) elaboração de considerações finais acerca da arealidade dialetal brasileira, retratada por meio do estudo comparativo. Vale ressaltar que a análise do *corpus* possibilitou realizar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado em diversas regiões geográficas do país, além de trazer notícias sobre a configuração dialetal brasileira, do ponto de vista do item lexical em análise.

**Palavras-chave:** Áreas dialetais; Projeto ALiB; Léxico; Gude.

**Abstract:** This article presents a study on the dialectal areas of Brazil, carried out using semantic-lexical data, which take the proposition of dialectal division of Brazil established by Antenor Nascentes (1953) by reference. In this way, there is an investigation of the answers of the informants of the *Linguistic Atlas of Brazil Project - ALiB Project* to question 156 of the *Semantic-Lexical Questionnaire- QSL*, which seeks to ascertain the ways of naming “*What are the little round glass things that boys like to play?*” (NATIONAL COMMITTEE OF THE ALiB PROJECT, 2001, p. 34). The methodology used consisted in carrying out the following steps: a) selection and reading of texts related to the theme, Nascentes (1953; 1955), Teles (2018), among others; b) formation of the *corpus*; c) analytical comparison of the items documented in the *corpus*, aiming at identifying similarities and differences, from the comparison established among the researches of Ribeiro (2012), Portilho (2013), Isquendo; Romano (2014), Romano (2015), D’Anunção (2016), Santos (2016), Alencar (2018) and, finally, Santos (2018), which focused on the description of responses to QSL 156 (gude); d) elaboration of final considerations about the Brazilian dialectal areality, portrayed through the comparative study. It is worth mentioning that the *corpus* analysis made it possible to record and document the lexical diversity of the Portuguese spoken in several geographic regions of the country, besides bringing news about the Brazilian dialectal configuration, from the point of view of the lexical item under analysis.

**Keywords:** Dialectal areas; ALiB Project; Lexicon; Marbles.

## Introdução

O léxico, importante meio para que sejam evidenciadas as transformações linguístico-culturais vividas pelo povo, vem sendo bastante utilizado nos estudos sobre a diversidade linguística no Brasil. Ao observar a história dos estudos dialetais, as investigações sobre os aspectos lexicais sempre se fizeram presentes, contribuindo, dessa maneira, para caracterização da língua brasileira falada.

Ainda, no nível lexical, possuidor de um caráter dinâmico e multifacetado, é possível retratar os percursos – linguístico, cultural e histórico – dos homens, haja vista que os itens lexicais vão revelar aspectos intra e extralinguísticos decorrentes das itinerâncias do homem pelo espaço geográfico. Nesse sentido, acredita-se que esse nível se constitui como um elemento indispensável para investigação e delimitação de áreas dialetais. Logo, os processos de mudança pelos quais passam a sociedade afetam, de certo modo, a maneira de nomear, por isso a importância dos estudos que buscam registrar, catalogar e divulgar os aspectos da língua nos diversos espaços geográficos.

Este artigo discute os resultados de oito trabalhos desenvolvidos no âmbito do léxico da Língua Portuguesa, elaborados a partir dos dados do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB*: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Isquendo; Romano (2014), Romano (2015), D’Anunção (2016), Santos (2016), Alencar (2018) e Santos (2018). Esses trabalhos utilizaram, em suas descrições de arealidade do Brasil, as respostas fornecidas para a questão 156, do Questionário Semântico-Lexical (doravante QSL) do Projeto ALiB, a saber: “*Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34).<sup>1</sup>

Para consecução da pesquisa, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия e percorreram-se algumas etapas, a saber: a) seleção e leitura dos textos relacionados ao tema, sobretudo Nascentes (1953), autor da proposta de divisão dialetal analisada, e Teles (2018)<sup>2</sup>, além dos estudos com dados do Projeto ALiB, já mencionados; b) formação do *corpus*; c) comparação dos itens lexicais documentados no *corpus*, objetivando identificar semelhanças e diferenças, a partir do cotejo dos dados e das cartas linguísticas; e d) elaboração de considerações finais acerca da arealidade dialetal brasileira, retratada por meio do estudo comparativo.

Para auxiliar o entendimento sobre as análises ora empreendidas, para além das seções que introduzem e concluem este artigo, optou-se por dividir o trabalho em duas seções principais: na primeira, são apresentadas as divisões dialetais feitas até a proposição de Nascentes (1953), para que fiquem delineados os caminhos escolhidos por ele para tal separação dialetal. Ainda nessa seção, utilizam-se os pensamentos de Teles (2018), e são apresentadas as críticas e atualizações para a proposição feita em 1953, a partir da perspectiva das ferramentas atuais, para uma melhor precisão referencial dos pontos, através da Cartografia automatizada que usa SIG (Sistema de Informações Geográficas). Na segunda, através dos estudos lexicais feitos por meio das pesquisas desenvolvidas com o banco de dados do Projeto ALiB, são apresentados os resultados das pesquisas vistas em oito cartas linguísticas, que, de certo modo, retratam a distribuição espacial dos itens lexicais para a pergunta 156 – QSL (*gude*), na tentativa de vislumbrar, mesmo que precocemente, como se configura a arealidade dialetal brasileira.

---

<sup>1</sup> Estudos de mesma natureza com comparação de itens lexicais já estudados no âmbito do Projeto ALiB têm sido realizados com outros itens lexicais em confronto, a exemplo de *balanço* – QSL 166, *Revista Macabéa*. Há um trabalho, apresentado em forma de artigo científico e submetido à *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, que trata das designações para *estilingue* no Brasil. Outro exemplo é o artigo científico, submetido à *Revista Matraga*, que compara resultados sobre o Falar Sulista e o Falar Fluminense.

<sup>2</sup> Professora Doutora Ana Regina Torres Ferreira Teles (*in memoriam*) foi docente da Escola Politécnica da UFBA por 36 anos. Compôs a Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB. Este artigo é dedicado a essa importante pessoa, engenheira, cartógrafa, linguista, amiga e torcedora do Bahia.

### **Divisões dialetais e as trilhas de Antenor Nascentes (1953)**

O reconhecimento e estabelecimento de áreas dialetais, ainda que sejam tarefas de alta complexidade, haja vista a impossibilidade de precisão das linhas virtuais demarcatórias (isoglossas), sempre permearam os anseios dos dialetólogos. Historicamente, observa-se que, datam do final do século XIX, os primeiros registros sobre a dialeção de áreas linguísticas brasileiras.

Os primeiros esboços de áreas dialetais brasileiras foram traçados por diversos pesquisadores. Antenor Nascentes, em 1955, em artigo publicado na Revista Brasileira de Geografia (NASCENTES, 1955 apud BARBADINHO NETO, 2003), traz uma revisão das propostas de divisão dialetal do Brasil estabelecidas até aquela data, até então elaboradas e ao final apresenta a sua proposta, afirmando que:

[...] enquanto não existir o Atlas Lingüístico do Brasil, não se pode fazer uma divisão territorial em matéria de dialectologia com bases absolutamente seguras. Tal Atlas está muito longe de se tornar realidade. Por isso, não vem de todo fora de propósito que se tente esse desiderato, embora sua realização seja de valor duvidoso e sujeita a revisão definitiva quando aparecer o Atlas. (NASCENTES, 1955, p. 212).

Nesse sentido, vale mencionar algumas proposições, a saber:

i) Ao utilizar um único critério, o geográfico, Júlio Ribeiro, em 1881, propôs uma separação do Brasil em quatro áreas – Norte; Leste; Centro e Sul. Tal proposição recebeu diversas críticas feitas por Antenor Nascentes, que a considerou “toda ela imperfeita”, haja vista que “[...] junta o Norte com o Nordeste [...] separa Alagoas dos demais estados do Nordeste; Coloca o Espírito Santo e o Rio de Janeiro junto da Bahia [...]” (NASCENTES, 1953, p. 21).

ii) Em 1950, também, utilizando um único critério, o geográfico, Maximino Maciel propõe que o Brasil, no que tange ao falar, se divide em: basilo-guianense ou setentrional; idiodialetos estaduais ou centrais e basilo-castelhano ou meridional. Portanto, três áreas linguísticas. Por ter um único critério, Nascentes avaliou e teceu críticas, “[...] A língua chamada Guiana Brasileira se estende à região da margem direita do Amazonas; [...] A influência do castelhano platino na língua da fronteira com o Uruguai e com a Argentina não vai ao ponto de dominar um subfalar” (NASCENTES, 1953, p. 21).

iii) O historiador João Ribeiro, na obra História do Brasil, baseado em aspectos históricos, não disponibilizou um mapa dialetológico, mas apresentou uma proposta em que divide o país em cinco partes: o extremo norte – Amazônia; Maranhão, Piauí e Ceará; o norte – Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; o centro – Sergipe, Baía, Ilhéus, e Porto Seguro; o interior – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; e, por

fim, o sul – Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

iv) Rodolfo Garcia, em 1915, ao combinar os critérios geográficos e históricos, associando-os à continuidade territorial, aos aspectos culturais, aos glossários com expressões locais e regionais, bem como à facilidade de comunicações terrestres, propôs cinco áreas: norte; norte-oriental; central-marítima; meridional; e altiplana-central. Nascentes valida a proposta, mas aponta alguns aspectos divergentes e com os quais não concorda, tais como: “colocar o Maranhão na zona Norte [...]; colocar o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona central-marítima; colocar Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso” (NASCENTES, 1953, p. 22).

Nascentes apresenta na obra *O Linguajar carioca em 1922*, uma divisão dialetal, conforme Figura 1a, em que reparte o Brasil em quatro grandes áreas: Nortista; Fluminense; Sertaneja e Sulista. Essa proposição foi alvo de diversas críticas, muitas dessas feitas por historiadores e geógrafos. E, de certo modo, foram válidas, devido a alguns equívocos notáveis. Dentre as críticas, destacam-se as de Lindolfo Gomes, publicadas na Revista de Filologia e História II, citadas por Nascentes (1955):

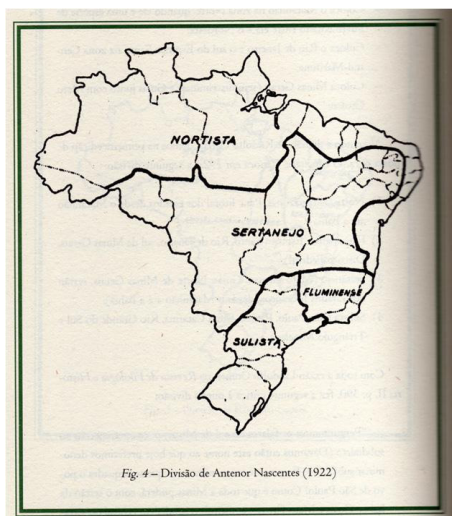
Perguntamos: os falares do sul de Minas, p. ex., pertencerão ao subdialeto (dávamos então este nome ao que hoje preferimos denominar subfalares) fluminense ou sulista, em que se enquadra o povo de São Paulo? Como é que toda Minas poderá, com o sertão da Bahia, Goiás e Mato Grosso, constituir o subdialeto central ou sertanejo? A mata mineira não haverá que pertencer de preferência grupo fluminense e capixaba, e isso mesmo quanto a limitadas zonas do Espírito Santo e do estado do Rio? (NASCENTES, 1955, p. 217).

Dessa forma, em 1933, após acatar as ponderações feitas por Lindolfo Gomes, as considerando justas, Nascentes reestrutura a divisão apresentada em 1922, conforme Figura 1b, e, com base em dois fatos linguísticos – pronúncia das vogais médias pretônicas e a cadência – na obra *O linguajar carioca*, afirma que:

Quando fizemos aquela divisão, havíamos percorrido pequena parte do nosso território. Conhecíamos Minas Gerais, Espírito Santo, estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Recife e Salvador. [...] Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul (NASCENTES, 1953, p. 24-25).

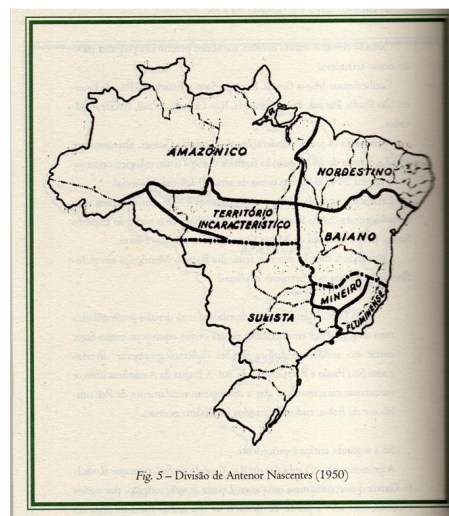


**Figura 1a** – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 698).

**Figura 1b** – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 700).

Na proposição de 1933, só publicada em 1953, o referido autor divide o Brasil em dois grandes grupos, que, por sua vez, estão subdivididos em seis subáreas, além de um território incaracterístico:

Os subfalares do norte são dois: o amazônico, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à serra do Estrondo, e o nordestino, que compreende os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás, que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba. Os subfalares do sul são quatro: o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (Nordeste, Norte e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Parnaíba, seguindo pelas serras dos Javaés, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade do Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos); o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o estado do Rio de Janeiro, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte Leste); o mineiro (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso (NASCENTES, 1955, p. 218).

A divisão publicada em 1953, embora venha sendo bastante utilizada por diversos estudiosos como um parâmetro até então, é alvo de grande admiração e, ao mesmo tempo, de vários questionamentos. Na obra *A formação Histórica da Língua Portuguesa*, Silveira Bueno, ao analisar tal proposição, apresenta alguns comentários críticos:

Alega êle que entre São Paulo e Santa Catarina as diferenças são muito grandes, desde o *s* sibilante, de Lisboa e Rio de Janeiro, completamente desconhecido em São Paulo, Paraná e Minas Gerais, até o vocabulário grandemente influenciado pelo alemão. Não é a única nem a mais característica diferenciação entre norte e sul a abertura das protônicas: há o *r* gutural do norte, o *lh* [sic] reduzido a *lê*, a ausência de yeísmo, que predomina no sul. Colocar a Bahia no grupo sulista é antigeográfico. O Rio Grande do Sul difere muitíssimo de Santa Catarina, do Paraná e de São Paulo, desde a pronúncia até o vocabulário com a sua predominância espanhola fronteiriça. Em São Paulo, as influências italianas exigem colocação à parte (NASCENTES, 1955, p. 219).

Essas ponderações foram todas refutadas por Nascentes:

As diferenças entre São Paulo e Santa Catarina não são nem grandes quanto mais muito grandes [...] O *s* chiante (e não sibilante) de Santa Catarina é uma pequena diferença. Aliás, não é de todo o estado [...] Diferenciações gerais são a cadência e a abertura das protônicas. As demais não são gerais, tais como o *r* velar, que aparece apenas no Nordeste e não em todo o domínio do falar que chamei nortista. O *lê* por *lhe* é apenas da Bahia e de Sergipe. Também há yeísmo no norte; não ao sul. Basta olhar o mapa nº 5 para se ver que a Bahia não foi colocada antigeograficamente no grupo sulista. Houve inexatidão na censura. O Rio Grande não difere muitíssimo de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Difere um pouco, não há dúvida, mas mantém as linhas gerais do dialeto sulista: cadência, protônica não aberta, *s* sibilante, *e* e *o* finais fechados, hiato *io* reduzido a ditongo, tendência para ditongar hiatos, etc. [...] (NASCENTES, 1955, p. 219).

Contemporaneamente, Teles (2018), na tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC – da Universidade Federal da Bahia – UFBA – pontua que a última proposição de Nascentes, a de 1953, apresenta problemas do ponto de vista cartográfico, ainda que acompanhada de mapa, em que o referido autor estabelece os limites entre os falares, com base nas referências das localidades e dos acidentes geográficos – rios e serras – ocultados no mapa. Além disso, sintetiza Teles (2018):

Acerca da divisão dialetal, a importância do primeiro documento está no fato de que, apesar de outras propostas terem sido formuladas, apresentando não necessariamente todas em conjunto ou mesmo nessa ordem, critérios geográficos, históricos e linguísticos, a de Antenor Nascentes (NASCENTES, [192-]; 1933; 1953) é a mais citada, referenciada e tem servido como base para quase todos os estudos de natureza geolinguística que buscam confirmar e atestar a pertinência dessa divisão nos dias atuais, identificando novas áreas dialetais e, conseqüentemente, novas

divisões ou subdivisões. Apesar da inserção de um *mapa* às páginas 18-19 (NASCENTES, 1953), Figura 1<sup>3</sup> este é de pouca valia já que não há como nele identificar, com segurança, os elementos contidos na descrição textual dos limites demarcadores de regiões ou de áreas dialetais, salvo os contornos dos limites políticos dos Estados da Federação à época da sua elaboração (TELES, 2018, p. 40-41).

A autora também apresenta ponderações importantes sobre os pontos, ou localidades para pesquisa de campo para a constituição da futura rede de pontos de um atlas nacional, sugeridos por Nascentes (1958; 1961) em *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, demonstrando que há, de certo modo, especificidades no documento que o torna complexo e de difícil entendimento, tais como: pontos com numeração repetida, pontos que foram associados aos estados que não os pertencem e, por fim, pontos que sofreram modificações de ordem toponímica, a saber:

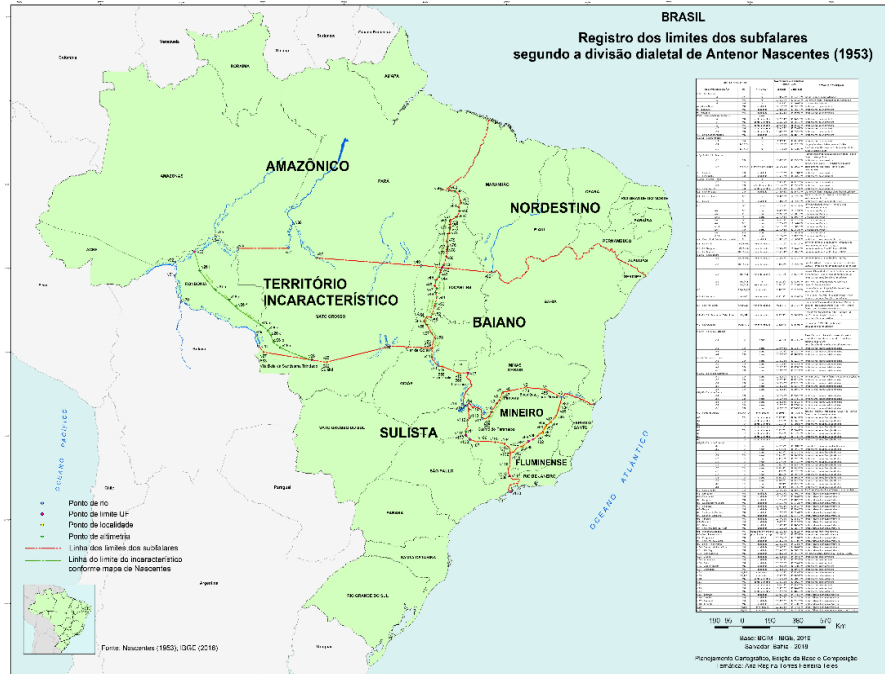
As informações acerca dos pontos conforme sugeridos, listados e publicados por Antenor Nascentes em *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (NASCENTES, 1958; 1961) não são, por si só, suficientes para proporcionar o embasamento necessário aos estudos geolinguísticos, por apresentarem equívocos na nomeação, na indicação de localização e na numeração (independentemente da divisão política do Brasil e da alteração de topônimos) e por não permitirem que se faça uma correspondência precisa das localidades atuais (TELES, 2018, p. 42).

A partir de recursos modernos, ao utilizar-se dos aparatos da Cartografia automatizada, da base BCIM do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016) e do banco de dados denominado Sistemas de Informações Geográficas SIG, que permite a associação de informações geográficas, históricas e socioeconômicas das localidades, garantindo identificação individual desses pontos pelas coordenadas geográficas de latitude e longitude, Teles (2018) apresenta como resultado da conjugação do trabalhos de Nascentes (1953) e de Nascentes (1958) dois mapas, desenhados em formato A3 e superiores, como a seguir se demonstra:



- i. um mapa com todos os vértices definidores dos delineamentos feitos por Nascentes (1953), conforme Figura 2.

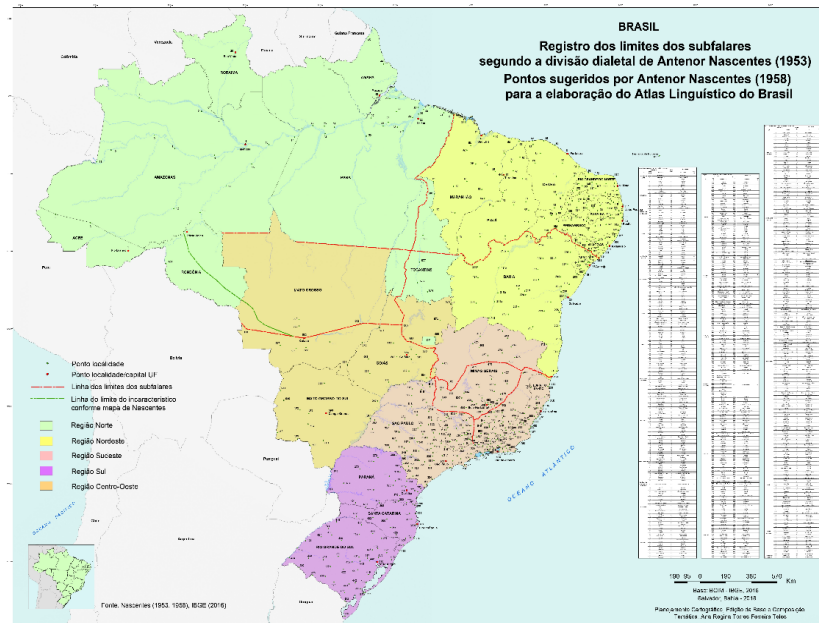
**Figura 2** – Mapa da divisão dialetal, a partir do georreferenciamento da Cartografia automatizada



Fonte: Teles (2018, p. 485).

- ii. um mapa atualizado, conforme Figura 3, com todas as localidades sugeridas por Nascentes (1958). Além dos mapas, há, também, quadros com todas as localidades, por ordem alfabética, com a numeração ajustada.

**Figura 3** – Mapa com os pontos sugeridos por Nascentes (1958) para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil



Fonte: Teles (2018, p. 484).

Ao concluir a tese, Teles (2018) traz contribuições significativas para os estudos dialetais brasileiros: um produto cartográfico de fácil consulta, de alta confiabilidade, atualizado e inovador. Ademais, ao considerar a periodização dos estudos dialetais brasileiros em quatro fases, como em Mota e Cardoso (2006), a autora propõe a existência de uma 5ª fase, que se inicia após a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al.* 2014), em 2014, e perdura até os dias atuais. Assim, nota-se que tais legados são fundamentais para as pesquisas geossociolinguísticas brasileiras contemporâneas, sobretudo, as atinentes às áreas dialetais, uma vez que já estão disponíveis delineamentos atuais e informatizados, permitindo uma melhor precisão dos limites de cada falar.

### **Caminhos e contribuições dos estudos lexicais do Projeto ALiB**

Do ponto de vista linguístico, o interesse para um maior conhecimento sobre áreas dialetais brasileiras, a partir do mapa dialetal proposto por Nascentes (1953), vem fomentando trabalhos de diversas naturezas, em especial, estudos do ponto de vista fonético e semântico-lexical têm analisado essa proposta, ora confirmando-a, ora refutando-a.

Ao observar os dados do Projeto ALiB, nota-se um índice crescente de pesquisas<sup>4</sup> na perspectiva do léxico específico da área temática “jogos e diversões infantis”, conforme pode ser visto no Quadro 1, cujos dados estão expostos em ordem cronológica de conclusão.

Neste artigo, destacam-se aqueles que têm um aspecto coincidente, a descrição dos resultados apurados para a questão 156 do QSL (gude).

**Quadro 1** – Trabalhos elaborados com dados lexicais por meio dos dados do Projeto ALiB que examinaram a questão 156 do QSL (gude)

TIPO	AUTOR (a)	ANO	TÍTULO
Tese	Silvana Soares Costa Ribeiro	2012	<i>Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”.</i>
Dissertação	Danielle Almeida Saraiva Portilho	2013	<i>O Falar Amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB.</i>
Tese	Valter Pereira Romano	2015	<i>Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil.</i>
TCC	Eliana Souza D’Anuniação	2016	<i>Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais.</i>

Dissertação	Leandro Almeida dos Santos	2016	<i>Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense.</i>
Atlas	Aparecida Negri Isquendo; Valter Pereira Romano	2014	<i>Cartas Bolinha de Gude (L18, L18a, L18b, L18c, L18d e L18e).</i>
Dissertação	Graziele Ferreira da Silva Santos	2018	<i>O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste.</i>
Tese	Beatriz Aparecida Alencar	2018	<i>O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Vale mencionar que, nesse sentido, a área temática dos “jogos e diversões infantis”, do QSL do Projeto ALiB, se tornou um instrumento revelador dos itens lexicais utilizados pelos brasileiros para nomear as brincadeiras e os brinquedos infantis. O Quadro 2 elenca todos os itens estudados pelo Projeto ALiB. Para além disso, as pesquisas têm fotografado que, por vezes, alguns desses itens lexicais caíram em desuso, evidenciando que há novas maneiras de brincar na contemporaneidade, devido às configurações sociais existentes.

**Quadro 2** – As 13 perguntas pertencentes a área temática dos *jogos e diversões infantis* do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB.

<b>Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB</b>	
Área temática - jogos e diversões infantis	
Nº	Questões
155	Cambalhota: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? ( <i>Mímica</i> )
156	Bolinha de gude: Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
157	Estilingue/Setra/Bodoque: Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha ( <i>mímica</i> ), que os meninos usam para matar passarinho? ( <i>Mostrar gravura</i> ).
158	Papagaio de papel/Pipa: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
159	Pipa/Arraia (versão do brinquedo sem varetas): E um brinquedo parecido com o _____ ( <i>cf. item 158</i> ) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
160	Esconde-Esconde: Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

161	Cabra-Cega: Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
162	Pega-Pega: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
163	Ferrolho/Salva/Picula/Pique (local combinado para se salvar): Como se chama esse ponto combinado?
164	Chicote-queimado/Lenço atrás: Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
165	Gangorra: Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? ( <i>Mímica</i> ) ( <i>Mostrar gravura</i> ).
166	Balanço: Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? ( <i>Mímica</i> ) ( <i>Mostrar gravura</i> ).
167	Amarelinha: Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha ( <i>mímica</i> ) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

Fonte: Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001, p.34-35). Adaptado.

Utilizar a área temática dos jogos e das diversões infantis é interessante e produtivo, uma vez que as questões permitem que os informantes se desloquem do contexto de uma entrevista para um contexto afetivo, em que revistam o baú de lembranças da infância. Assim, revelando aspectos da língua falada e, por vezes, aspectos inerentes às transformações pelas quais a localidade sofreu e que afetam o léxico da língua. Dessa maneira, eles fornecem um material linguístico mais próximo do vernáculo, objeto de investigação dos estudos geossociolinguísticos.

Das oito pesquisas mencionadas, cinco delas: Ribeiro (2012); Portilho (2013); Santos (2016); Santos (2018) e Alencar (2018) utilizaram as 13 questões pertencentes ao universo dos jogos e das diversões infantis, conforme Quadro 2. As outras duas pesquisas: Romano (2015) e D’Anunciação (2016) contemplaram, pelo menos, uma questão da área temática. Além disso, algumas cartas publicadas no volume 2 do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al.* 2014b), concernentes às capitais, também permitem a intercomparação entre os itens lexicais documentados para: “Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34).

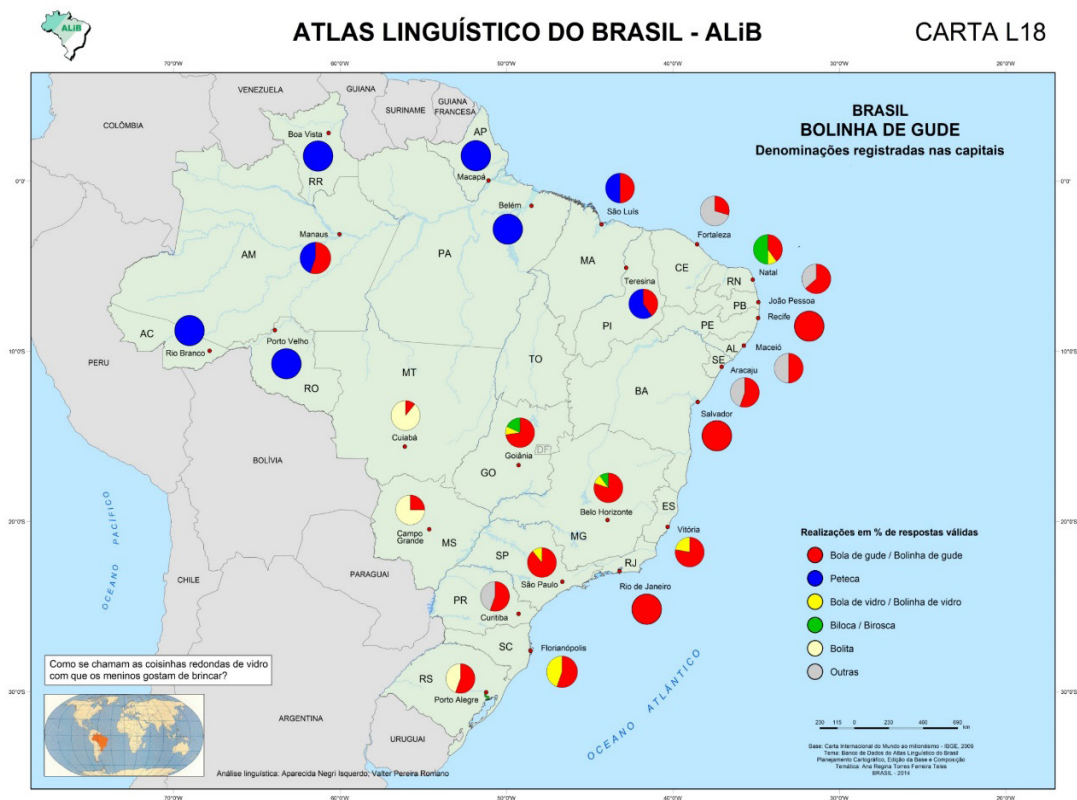
*A priori*, parte-se para as análises da visão macro, no que tange ao atlas nacional (dados das capitais) e *a posteriori* para a visão micro, ou seja, revelando os estudos que abordaram os subfalares e/ou estados contidos nesses subfalares (em grande parte, dados do interior).

### Visão das áreas dialetais a partir dos dados das capitais

Em Cardoso *et al.* (2014b, p. 271 a 282), apresentam-se sete cartas, uma nacional (L18) e seis regionais (L18a até L18e), sobre os itens lexicais encontrados para a pergunta 156 do QSL (*gude*), elaboradas por Aparecida Negri Isquerdo e Valter Pereira Romano.

Atentando-se para os itens lexicais documentados, ao observar o conjunto das cartas, tem-se, na região Norte: *peteca*, *bola de gude* e *bolinha de gude*; na região Nordeste: *bola de gude*, *bolinha de gude*, *bila*, *peteca*, *biloca*, *bola de fona*, *bolinha de vidro*, *cabeçulinha*, *marraio* e *ximbra*; na região Sudeste: *bolinha de gude*, *bola de gude*, *bolinha de vidro* e *birosca*; na região Sul: *bola de gude*, *bolinha de gude*, *bolinha de vidro*, *bolita* e *burica*; na região Centro-oeste: *bola de gude*, *bolinha de gude*, *bolita*, *biloca* e *bola de vidro*. Por sua vez, na carta nacional L18, as formas mais produtivas, no que concerne aos critérios estabelecidos para a cartografia do atlas nacional, podem ser notadas na Figura 4.

Figura 4 – CARTA L18 – Bolinha de gude



Fonte: Cardoso *et al.* (2014b, p. 271).

Considerando a distribuição espacial dos itens lexicais, percebe-se, evidentemente, um Brasil que se divide em dois grandes grupos, assim como apontou Nascentes em



sua última divisão (1953). No entanto, tais postulações são iniciais e, portanto, não são definitivas, uma vez que seria um equívoco analisar áreas dialetais somente com a investigação da fala dos informantes das capitais.

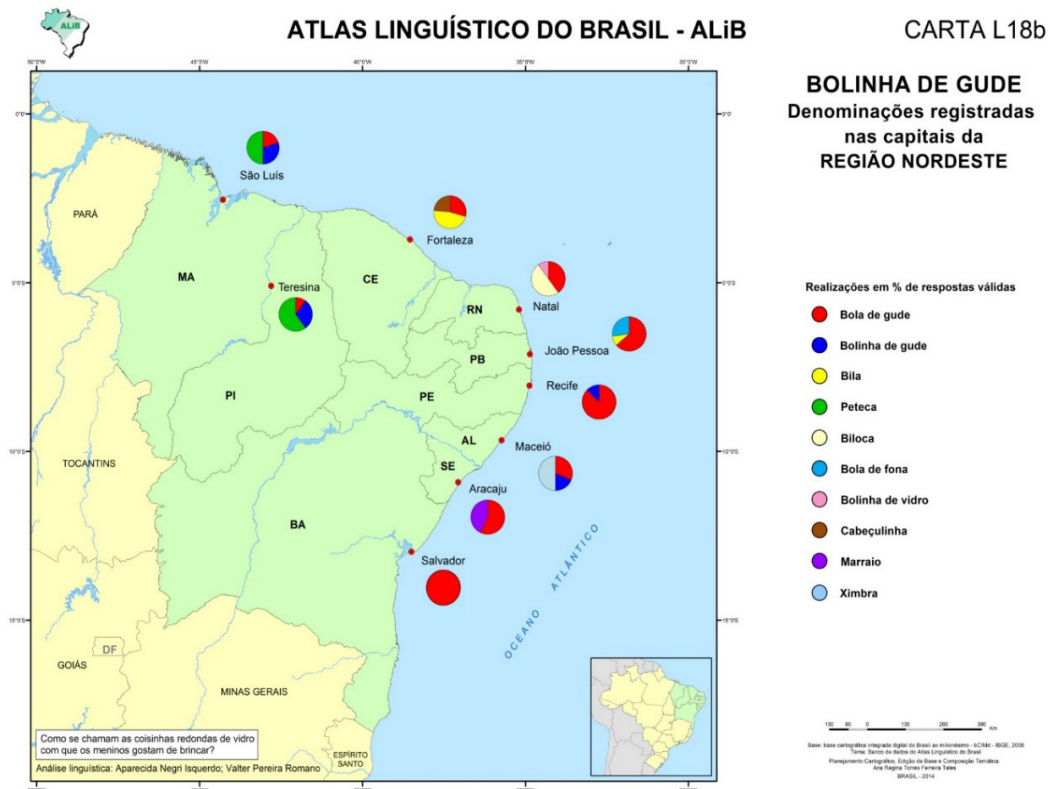
Nessa perspectiva, algumas constatações são passíveis de postulação, a saber: o item *bola de gude/bolinha de gude* está distribuído nos dois Falares, Norte e Sul. Logo, é o mais conhecido nos dois grandes grupos.

No que tange aos Falares do Sul, além de ser a área predominante dos itens *bola de gude/bolinha de gude*, alguns itens lexicais são, majoritariamente, visualizados nessa área, tais como: *bola de vidro/bolinha de vidro* e *biloca/birosca* e *bolita*.

No que concerne aos falares do Norte, a *peteca* foi documentada, majoritariamente, em todas as seis capitais do *Falar Amazônico*, e de forma categórica em cinco delas – Porto Velho, Rio Branco, Boa Vista, Macapá e Belém. Todavia, esse item também está presente em outras duas capitais, São Luís e Teresina, coocorrendo com *bola de gude/bolinha de gude*, o que permite a comprovação do caráter mais fluido do *Falar Nordestino*. Em Natal, por exemplo, registram-se as ocorrências de *bola de vidro/bolinha de vidro*, itens bem presentes na área dos Falares do Sul.

O Nordeste brasileiro permitiu vislumbrar outro cenário, explicitado pela ocorrência de outros itens lexicais, visíveis nas cartas L18 (outras, em cor cinza) e demonstrados em detalhes na carta L18b, exposta na Figura 5, a saber: além de *bola de gude* e *bolinha de gude* que se configuraram como norma lexical brasileira e *peteca* que se configurou como item lexical característico dos Falares do Norte. Destacam-se lexias exclusivamente detectadas na área como *bila*, *bola de fona*, *cabeçulinha*, *marraio* e *ximbra* e outras como *biloca* e *bola de vidro* que vão ocorrer também em outras áreas geográficas do Brasil, como exposto anteriormente ao descrever-se a carta L18.

Figura 5 – CARTA L18b – Bolinha de gude – Região Nordeste



Fonte: Cardoso *et al.* (2014b, p. 273).

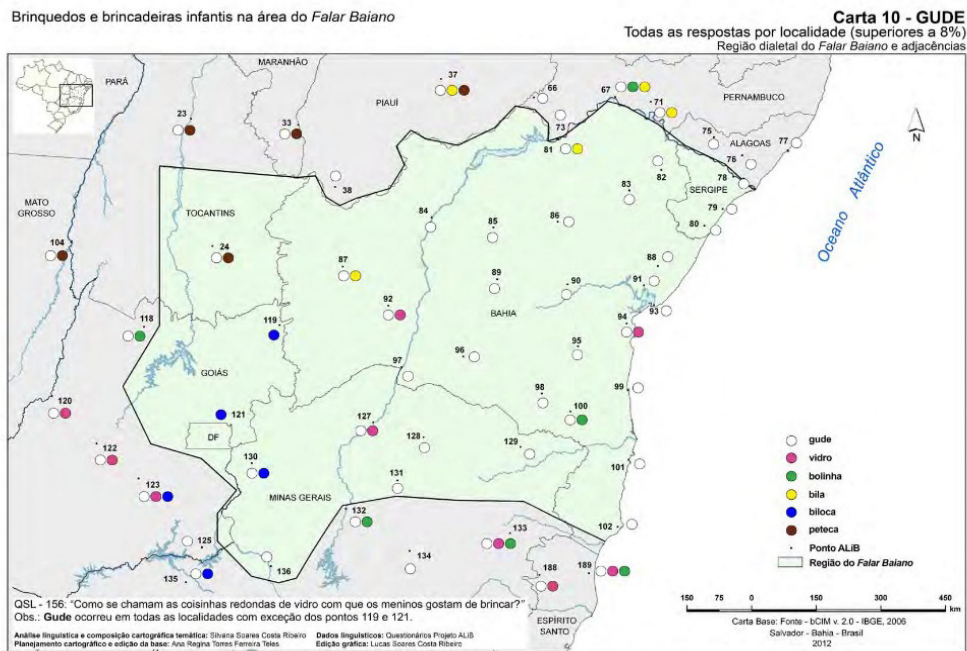
### Visão das áreas dialetais com dados do interior: Falares do Sul

Na perspectiva dos trabalhos que aludem aos Falares do Sul, *Baiano*, *Sulista* e *Fluminense*, vislumbram-se três pesquisas: Ribeiro (2012), Romano (2015) e Santos (2016), adicionadas a elas, a D’Anunção (2016) em Minas Gerais, e a de Alencar (2018), em São Paulo.

Ribeiro (2012) se propôs a estudar a vitalidade do *Falar Baiano* e adjacências – a qual nomeou por área de controle. Sob os prismas teóricos da Dialectologia e da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, foram analisadas 244 elocuições de informantes originados de 57 localidades, pertencentes a 11 estados – Sergipe, Bahia, parte de Alagoas, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, de Minas Gerais e do Espírito Santo.

Para a pergunta do QSL 156 (gude), o item lexical mais frequente foi *gude*<sup>5</sup>, com 96,3%, num total de 314 ocorrências válidas, conforme Figura 6, mas também outros itens foram encontrados: *(bola de) vidro*, com 15,8%, *bolinha*, com 10,5%, *bila*, *biloca* e *peteca*, com 8,8%. Em outra carta, a autora traz: *ximbra*, com 7%, *(bola de) marraio*, com 5,3%, *birosca* e *boleba*, com 3,5%, *bolita* e *china*, com 1,8%.

Figura 6 – Carta Bolinha de Gude na área do Falar Baiano



Fonte: Ribeiro (2012, p. 496).

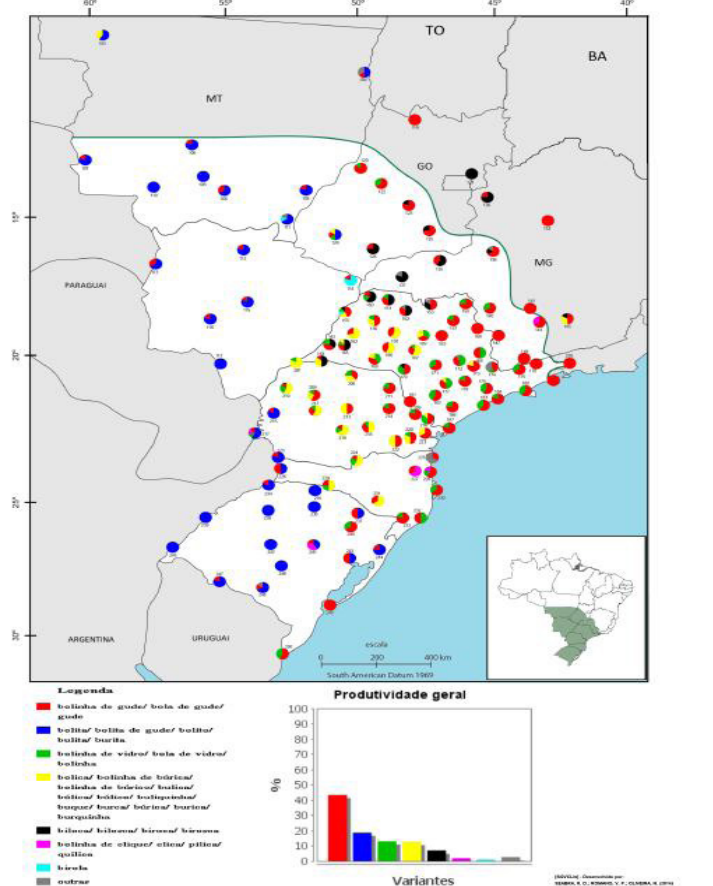
A referida autora afirma que, por meio do léxico é possível perseguir e delimitar áreas e subáreas dialetais. Além disso, por meio dos itens lexicais examinados para a área do *falar baiano*, ao concluir, atesta a vitalidade do falar ora analisado e afirma a existência de quatro subáreas dialetais, denominando-as como A, B, C e D (RIBEIRO, 2012, p. 449).

Romano (2015) teve como foco de investigação o *falar sulista*. Para a pesquisa, foram selecionadas cinco questões de áreas temáticas distintas, do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB: QSL 001 (córrego), QSL 039 (tangerina), QSL 132 (menino), QSL 156 (gude) e QSL 177 (geleia). Também, foram utilizados os aportes teóricos da Dialectologia e da Geolinguística e as elocuições de 472 informantes, das 118 localidades, situadas em oito estados brasileiros – Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, parte do estado do Mato Grosso, centro-sul de Goiás, parte do sul de Minas Gerais e do Triângulo Mineiro.

No que tange à pergunta em análise neste artigo, o item mais produtivo foi *bola de gude*, com 43,44%, conforme Figura 7, seguido de *bolita*, com 18,70%, *bolinha/bola de vidro*, com 12,97%, *búrlica*, com 12,67%, e *biloca*, com 6,94%, além dos itens com índices menores que 2%: *clica, birola, fubeca, peca e peteca*.

**Figura 7** – Carta Bolinha de Gude na área do *Falar Sulista*

Carta 3 - Distribuição diatópica das variantes lexicais para a questão 156 do QSL



Fonte: Romano (2015, p. 326).

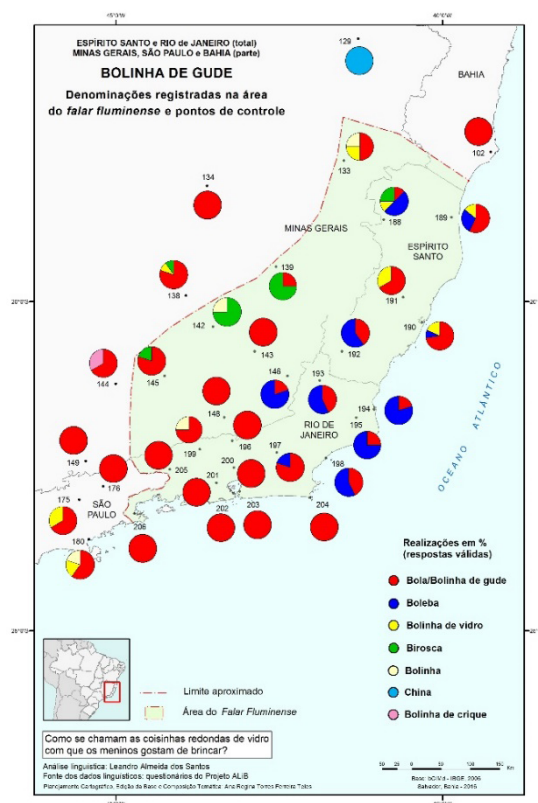
Ao finalizar a pesquisa, Romano (2015) diverge do que preconizou Nascentes (1953), afirmando não ser mais válida a área descrita como *Falar Sulista*, sob o ponto de vista lexical, e propõe que ela deva ser subdividida em duas grandes partes: *Falar Sulista*, que abrange a parte meridional, e o *Falar Paulista*, que abrange a parte setentrional. Ademais, o referido autor considera um equívoco considerar os estados São Paulo e Rio Grande do Sul pertencentes à mesma área, devido às diferenças linguísticas e sócio-históricas (ROMANO, 2015, p. 265).

Santos (2016) teve como área de estudo os limites dialetais do *Falar Fluminense* e pontos de controle. Foi feita a audição de 152 informantes, das 35 localidades, situadas em cinco estados – Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo –, tendo empreendido a análise diatópica como prioridade, sob os princípios teóricos da Dialectologia, Geolinguística e Lexicologia.

Para a pergunta 156 do QSL, foram documentadas 186 respostas válidas. O item mais produtivo foi *bola/bolinha de gude*, com 65,1%, a *boleba* apresenta-se como o segundo mais utilizado, com 16,1%, seguido de *bolinha de vidro*, com 6,5%, *bilroca*, com 5,4%,

*bolinha*, com 2,7%, *china*, com 2,2%, e *bolinha de crique*, com 1,1%, conforme Figura 8.

**Figura 8** – Carta Bolinha de Gude no *Falar Fluminense*



Fonte: Santos (2016, p. 110).

No estudo, Santos (2016) atesta a precisão de Nascentes (1953), quando separou o Brasil em dois grandes grupos de falares, ao cotejar os dados analisados com outros de mesma temática e abrangência do Projeto ALiB. No entanto, concernente ao *Falar Fluminense*, por não identificar unidade na área, propõe que outros estudos sejam feitos, a fim de verificar a existência/inexistência desse falar e aponta similitudes entre o norte de Minas Gerais e o norte do Espírito Santo. Também, sugere que o *Falar Mineiro* seja investigado, a fim de que se tenham maiores esclarecimentos desses limites dialetais (SANTOS, 2016, p. 189-190).

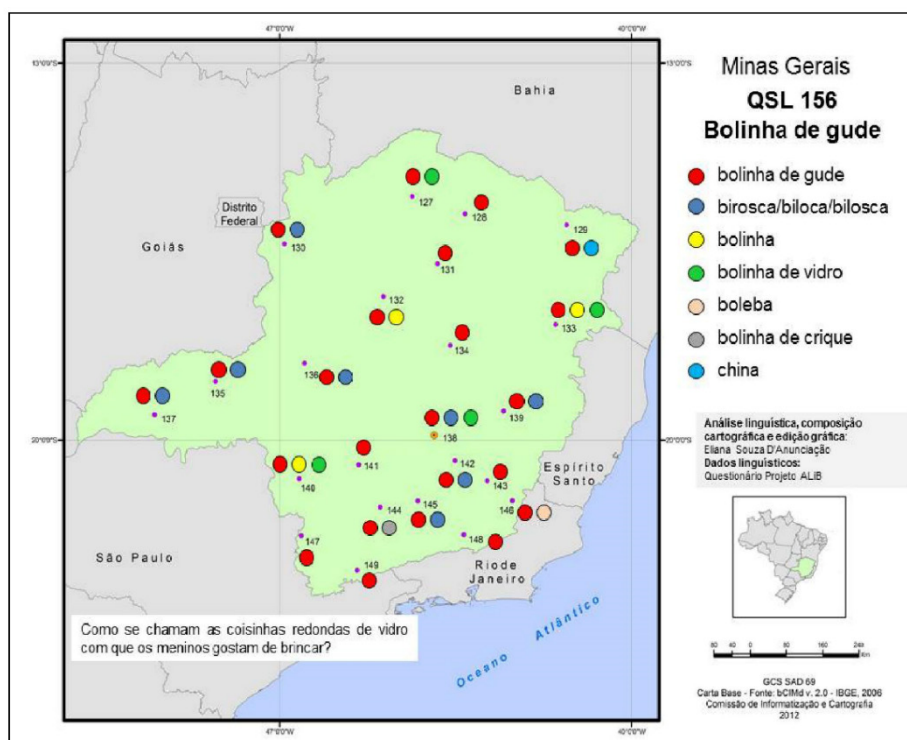
D'Anunção (2016) fez a audição das elocuições de 96 informantes, ao pesquisar 23 localidades pertencentes ao estado Minas Gerais, utilizando cinco questões da área temática dos jogos e diversões infantis: QSL 156, QSL 157, QSL 158, QSL 159, e QSL 167. Não teve como foco uma subárea definida pelos traçados de Nascentes (1953), mas analisa e apresenta aspectos sobre o léxico do estado.

Para a questão em análise conforme Figura 9, o item lexical *bolinha de gude*, com



63,6% das ocorrências e definidora das generalizações que são feitas sobre o brinquedo, foi o mais produtivo. Em seguida, *birosca/biloca/bilosca*, com 16,9%, *bolinha de vidro*, com 5,1%, e *bolinha*, com 4,2%. Os itens *boleba* e *china*, com 3,4%, e *bolinha de crique* e outras denominações, com 1,7%, itens que a autora não apresenta na cartografia, como explicita na metodologia do trabalho.

**Figura 9** – Carta Bolinha de Bolinha de Gude em Minas Gerais (MG)



Fonte: D’Anunciação (2016, p. 46).

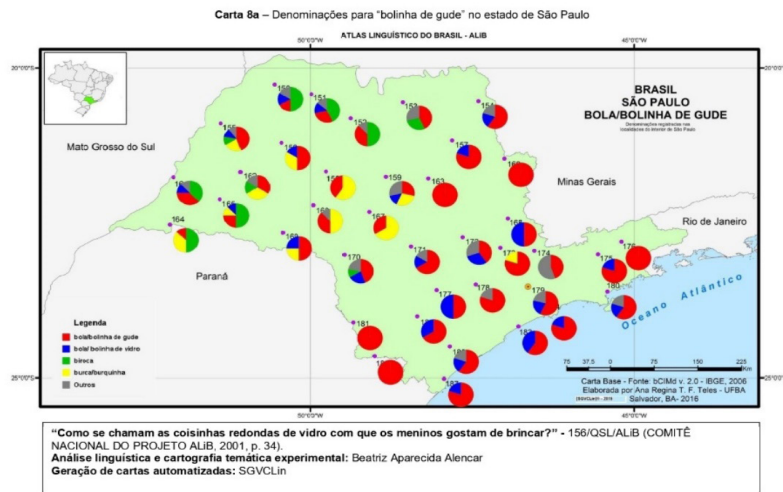
A pesquisa desenvolvida por D’Anunciação (2016) sugere que mais estudos sejam feitos, a fim de descortinar o cenário linguístico desse estado. Ademais, traz contribuições para o entendimento linguístico de Minas Gerais, haja vista que o estado se constitui como uma incógnita linguística, quando se refere à área dialetal, pois há duas postulações divergentes sobre a arealidade na área, a saber: a de Nascentes (1953), que subdivide MG em quatro falares – *Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista*; e a de Zagari (1998), que divide o estado em três falares – *Baiano, Mineiro e Paulista*.

Alencar (2018) pesquisou a fala de 188 informantes, oriundos de 47 localidades pertencentes ao estado de São Paulo. Não teve como foco uma subárea definida pelos traçados de Nascentes (1953), mas apresenta aspectos sobre o léxico do estado.

Para a questão do QSL 156 (gude), conforme Figura 10, o item lexical *bola/bolinha de gude*, com 53% das ocorrências, foi o mais produtivo. Em seguida, *bolinha de vidro*, com

14%, *burca*, com 13%, *biroca*, com 12%, *bolinha*, com 5,8%, e *fubeca*, com 2%.

**Figura 10** – Carta Bolinha de Bola/ Bolinha de Gude em São Paulo (SP)



369

Fonte: Alencar (2018, p. 369).

A pesquisa desenvolvida por Alencar (2018) revela aspectos sobre o léxico do estado de São Paulo, também, oferece caminhos importantes para o entendimento do *Falar Sulista*, ao apontar para, de fato, a existência do *Falar Paulista*, confirmando os resultados evidenciados por Romano (2015). Além disso, a referida autora afirma que há três sub-áreas dialetais que estão configuradas da seguinte maneira: a) uma área que se delimita desde a proximidade ao Vale do Ribeira e Caminho dos Tropeiros; b) outra área desde a Região Oeste e Noroeste do estado de São Paulo até o Norte do Paraná; e, por fim, c) última área que se estende nas fronteiras Minas Gerais/São Paulo, fato que dá indícios para uma expansão do *Falar Paulista* para o Sul do estado de São Paulo e Triângulo Mineiro (ALENCAR, 2018, p. 518).

Ao considerar esses estudos, que contemplam pontos que estão localizados dentro dos Falares do Sul, *Baiano*, *Sulista*, *Fluminense*, o estado de Minas Gerais e o estado de São Paulo, tem-se o item lexical *bola/bolinha de gude* distribuído, de forma majoritária, em todos eles. Desse modo, evidenciando uma área linguística comum. Além desse, há outros itens lexicais que são coincidentes, tais como: *bola/bolinha de vidro* e *birosca* (e suas variantes fônicas).

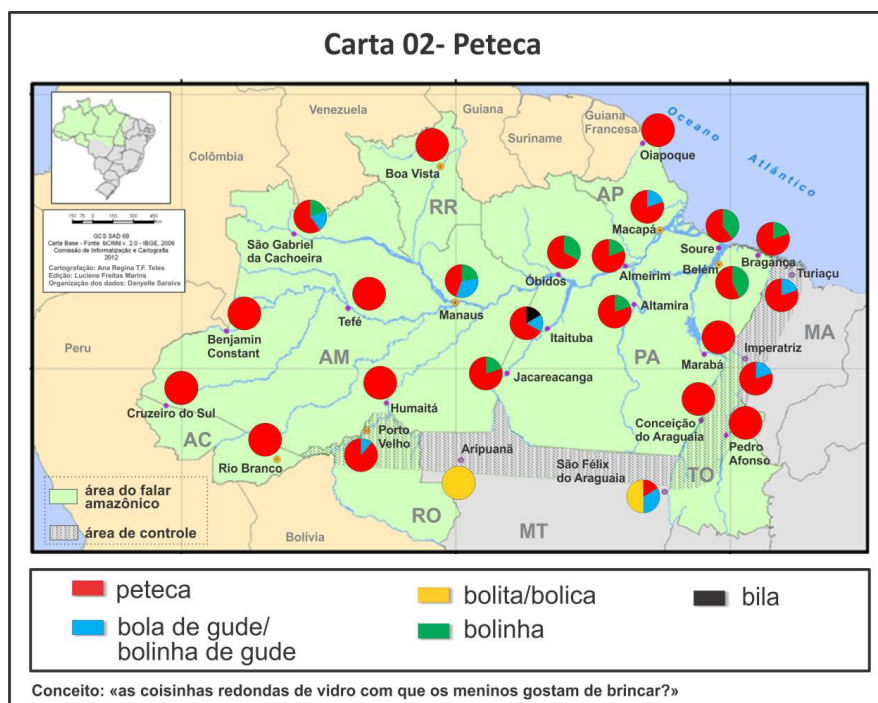
#### **Visão das áreas dialetais com dados do interior: Falares do Norte**

No que tange aos trabalhos que aludem aos Falares do Norte, *Amazônico* e *Nordestino*, vislumbram-se duas pesquisas, a saber: Portilho (2013) e Santos (2018).

Portilho (2013), ao analisar o *Falar Amazônico*, busca verificar a vitalidade da divisão do país em áreas dialetais proposta por Nascentes (1953), utilizando 26 localidades, 20 pontos que pertencem ao limite dialetal investigado – Acre, Amazonas, Pará, Roraima e Amapá; adicionados a seis localidades que compõem uma área de controle<sup>6</sup> – Mato Grosso, parte de Rondônia, do Maranhão e do Tocantins –, por meio de duas abordagens (a diatópica e a léxico-semântica) sob os fundamentos da Dialetologia e da Lexicologia.

Para a pergunta 156 do QSL, foram catalogados cinco itens lexicais: *peteca*, com 75,7%, *bola de gude/bolinha de gude*, com 17,1%, *bolita/bolica*, com 4,6%, *bolinha*, com 2% e *bila*, com 0,9%, conforme nota-se na Figura 11.

**Figura 11** – Carta Bolinha de gude (Peteca) na área do *Falar Amazônico*



Fonte: Portilho (2013, p. 66).

A presença majoritária é do item *peteca* na área em análise, como se nota. Entretanto, em duas localidades da área de controle, situadas no Mato Grosso, a forma agrupada predominante é *bolita/bolica*. Na conclusão do estudo, Portilho (2013, p.138-139), afirma que, para o *Falar Amazônico*, pode ser comprovada uma vitalidade, embora seja relativa, ao considerar os aspectos lexicais estudados, uma vez que estes possuem um aspecto pe-

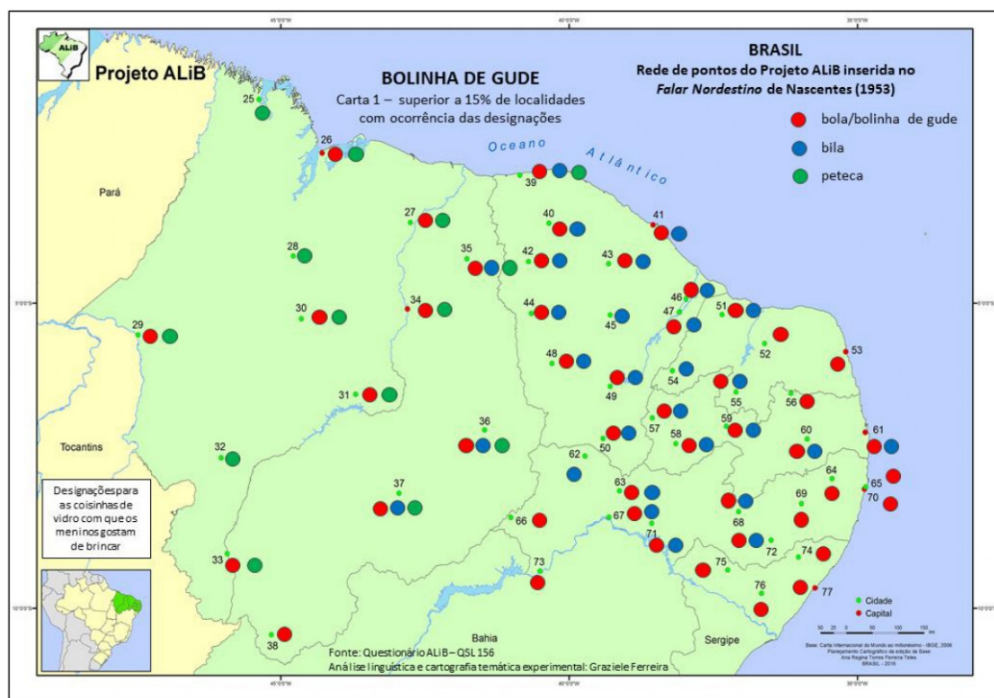
<sup>6</sup> Portilho (2013) estabelece uma área de controle, que são pontos próximos da área investigada, conforme realizado por Ribeiro (2012).

cular (PORTILHO, 2013, p.137-138).

Santos (2018), ao pesquisar a vitalidade do *Falar Nordestino*, selecionou 53 localidades, que estão em sete dos nove Estados do Nordeste brasileiro – Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas –, e ouviu as elocuições de 240 informantes, sob os fundamentos da Dialetologia, da Geolinguística Pluridimensional e da Lexicologia. Bahia e Sergipe estão descritos em Ribeiro (2012), em área de controle do *Falar Baiano*.

Para a pergunta 156 do QSL, foi encontrada uma relativa frequência de itens lexicais: *bola/bolinha de gude*, com 36,6%, *bila*, com 29,1%, *peteca*, com 16%, *ximbra*, com 7,4%, *bola de vidro*, com 3,1%, *biloca*, com 2,9%, *cabiçulinha*, com 2%, *bolinha*, com 1,1%, *bola de fone* e outras denominações, em que a autora agrupou os itens que só figuraram uma única vez, ambas com 0,9%. Conforme Figura 12, vislumbram-se os três itens lexicais mais produtivos e superiores a 15%, cartografados pela autora.

**Figura 12** – Carta Bolinha de Gude na área do Falar Nordestino



Fonte: Santos (2018, p.121).

Santos (2018) afirma que, sob o ponto de vista lexical dos jogos e diversões infantis, inexistente a área do *Falar Nordestino*, por não ter constatado uma homogeneidade linguística, que pode ser justificada pela extensão da área e pela diversidade social e história



do espaço geográfico investigado (SANTOS, 2018, p. 200). É perceptível a divisão em duas áreas dialetais: uma Área A com presença de *peteca* e uma Área B com presença de *bila*. Fato destacado quando da descrição da carta L18b, anteriormente exposta.

Ao comparar as análises e resultados empreendidos por esses dois estudos, no que tange aos Falares do Norte, *Amazônico* e *Nordestino*, sob o ponto de vista da descrição lexical, percebe-se que quatro itens lexicais aparecem nas duas áreas: *bila*, *peteca*, *bolinha* e *bola/bolinha de gude*.

## Conclusão

Os itens lexicais são importantes pistas linguísticas para revelar a trajetória e os passos dos homens. Desse modo, portanto, por vezes, tais itens são denunciadores de aspectos sociais, por exemplo, faixa etária, sexo, grau de instrução, e, sobretudo, local de origem.

Este estudo, que tomou a descrição do léxico característico de jogos e diversões infantis e explorou o brinquedo *gude* na perspectiva espacial, teve como meta trazer à tona notícias sobre as configurações dialetais brasileiras. Para tal, por meio de uma pergunta: QSL 156 (*gude*) “*Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34), buscou-se cotejar dados de oito pesquisas e suas respectivas cartas linguísticas, com base nos dados do Projeto ALiB.

Nascentes (1953), de forma audaciosa e corajosa, separou o Brasil em áreas dialetais, embora não tenha utilizado de instrumentos para coletar dados, tais como questionário específico e gravador. Ao observar a divisão proposta, dois grandes grupos – Falares do Norte e Falares do Sul – existe uma similitude, quando se cotejam os dados linguísticos dispostos nas cartas lexicais ora apresentadas. A sócio-história sobre a formação do povo brasileiro, apesar de não ter sido abordada nesse artigo, certamente, fornecerá caminhos para a identificação dessas áreas, uma vez que há formas que são presentes em todos os subfalares, por exemplo, *bola de gude / bolinha de gude*.

Em vista do que foi fotografado, ao tomar a área temática dos jogos e diversões infantis, constatou-se que existem vários itens lexicais adotados pelos falantes para designar o que se deseja apurar com a questão 156 do QSL do Projeto ALiB. A resposta *bola/bolinha de gude* foi documentada em todas as pesquisas e áreas estudadas, ou seja, é a forma mais conhecida e pode ser identificada como norma lexical no país. Respostas como *peteca* e *bila* podem caracterizar os Falares do Norte e designações como *biloca*, *bolita*,



*búrica e bola de vidro* podem favorecer a descrição dos Falares do Sul, fatos que ratificam as afirmações feitas por Santos (2017).

Para que se tenha uma visão completa sobre áreas linguísticas brasileiras, sob o prisma dos estudos lexicais, no que tange a uma comparação com o mapa dialetológico proposto em 1953, convém completar a análise do Brasil com os resultados das 13 questões da área temática “jogos e diversões infantis” de preferência, utilizando os dados do Projeto ALiB, contemplando as regiões Centro-Oeste (13 questões) e Sul, (12 delas) e o Estado de Minas Gerais (8 delas), um trabalho já em andamento no âmbito do PPGLinC/UFBA, sob a forma de Tese de Doutorado em andamento.

No que se refere ao que propôs Teles (2018), a pesquisadora deixou um grande legado para cartógrafos e linguistas, haja vista a disposição de mapas e quadro atualizados, desse modo, facilitando e fornecendo caminhos para as futuras pesquisas sobre espaços linguísticos no Brasil, por meio de instrumentos mais confiáveis e atuais.

Outro aspecto que merece destaque é, uma vez que os estudos dialetais brasileiros já dispõem de dados coletados com a mesma metodologia – dados do Projeto ALiB –, mapas e quadros atuais – propostos por Teles (2018) –, espera-se que, em breve, haja uma nova proposta de divisão dialetal do Brasil, confirmando ou refutando os traçados isoglóssicos do mapa proposto por Antenor Nascentes, em 1953. Consoante às palavras de Cardoso (2016, p. 47), “O caminho está aí. Necessário se faz continuar a percorrê-lo para atingir a meta almejada no que diz respeito à divisão dialetal do Brasil.”

## Referências

ALENCAR, Beatriz Aparecida. *O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*. 2018. Tese. (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

CARDOSO, Suzana Alice M. Áreas dialetais do português brasileiro: o que dizem as primeiras cartas do ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; DOIRON, Maranúbia Barbosa. (Org.) *Estudos Geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. Londrina: Eduel, 2016, p. 33-48.

CARDOSO, Suzana Alice M. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice M. *et al.* *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas Linguístico do Brasil*: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

D'ANUNCIACÃO, Eliana Souza. *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*. 2016. 86f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. Carta Bolinha de Gude (L18, L18a; L18b; L18c; L18d e L18e). In: CARDOSO, Suzana Alice M. *et al.* *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b, p. 271-282.

MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana (Org.). *Documentos 2*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun., 1955, p. 213-219.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

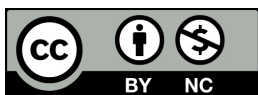
SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

SANTOS, Leandro Almeida dos. Em busca de áreas dialetais brasileiras: jogando “bolinha de gude”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 182-194, jan./jun. 2017.

SANTOS, Grazielle Ferreira da Silva. *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste*. 2018. 207f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

ZÁGARI, Mario Roberto Lobo. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolinguística no Brasil - caminhos e perspectivas*. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998, v.1, p. 31-54.



Data de submissão: 28/11/2020

Data de aceite: 30/06/2021